

**Cama, Mesa e
Roupa Lavada**

António Magalhães
COLEÇÃO CIVILIZAÇÃO

2.55.13
21365

Cama, Mesa e Roupa Lavada

Comédia em 3 actos

de

Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa

N.º 72

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO EDITORA

Rua do Almada, 107 — PÔRTO

EX-LIBRIS

ANTONIO DE MAGALHÃES



poesia que se levanta do livro
e se torna humana (LORCA)

1938

• Composto e Impresso •

na Tipografia e Encadernação

de DOMINGOS D'OLIVEIRA

C. M. da Pátria 144-A—Pôrto

Oesav Spul

CAMA, MESA E ROUPA LAVADA

COMÉDIA EM TRÊS ACTOS

Representada pela primeira vez no Pôrto

Figuras da peça e sua primeira distribuição

D. Magnífica da Costa	D. Jesuina Chaby	M.R.
Carmo	D. Cremilda d'Oliveira	C.B.
Luz.	D. Luzitana Sayat	M.B.
Aarão Saavedra	Chaby Pinheiro	V.M.
Teodolito Alves	Santos Melo	A.M.
Hipólito	Valério Rajanto	J.S.
O major Amâncio	José Mora	B.M.
Castanheira.	Henrique Pereira	V.S.
Um guarda-nocturno	Abel Pera	

LISBOA - ACTUALIDADE

ACTO PRIMEIRO

Sala de jantar numa casa de pensão em Lisboa. — Ao F. E. corredor, ao fundo do qual há uma porta para a escada. Janela ao F. D. para a rua. A' E. quartos n.º 6 e 7, e porta para a cozinha. — A' D. quartos n.º 4 e 5 e porta para o interior. — Grande mesa de jantar. Bufoete. — Sobre uma mesa, um gramofone de campânula e discos. — Piano ao fundo. Pelas paredes, oleografias e um assustador retrato, a craion, de D. Magnifica. — Um bengaleiro ao F. E. — Uma cadeira de baloiço. — Quando sobe o pano, Castanheira, na cadeira de baloiço, dorme, um jornal tapando-lhe a cara. Amâncio escreve uma carta na mesa de jantar.

CENA I

LUZ, AMÂNCIO, HIPÓLITO E CASTANHEIRA

HIPÓLITO, *vindo do F. C., depois de colocar no bengaleiro o chapéu de chuva a escorrer água* — Boa tarde, menina Luz.

LUZ. — Boa tarde, sr. Hipólito. Chove muito?

HIPÓLITO. — Um dilúvio. Pela calçada da Glória, a água era tanta que até parecia as cataratas do Niagara. Eu nem via o elevador!

AMÂNCIO. — Com as cataratas não admira.

LUZ. — Foi de-repente. Ainda há pouco, quando fui à praça da Figueira, fazia calor.

AMÂNCIO. — Estas quedas súbitas da

temperatura, fazem-me um mal dos diabos. Dão-me cabo do cadáver!

HIPÓLITO. — Está claro. Na sua idade, as quedas são perigosíssimas.

AMÂNCIO, *formalizado*. — Mau! Aí torna o Hipólito com a minha idade às voltas!

LUZ. — Deixe-o falar, sr. Amâncio. Aquilo é só para o ouvir...

HIPÓLITO. — Isso, menina Luz! Amanse-o... Amanse-o...

AMÂNCIO, *indo à janela*. — Chove cada vez mais. Já vejo que não posso sair hoje!

HIPÓLITO — É verdade. O médico não o deixa apanhar água...

AMÂNCIO — Por causa do tratamento

é claro. Durante três ou quatro meses, nem sequer posso molhar a ponta do nariz. Água, nem vê-la! Seria a minha morte!

LUZ. -- Ah! Mas o sr. major toma banho?...

AMÂNCIO. — Sim, tomo. Graças a Deus. Tomo todos os sábados, quando estes dias caem nas vésperas de domingo.

HIPÓLITO. — Essa agora! E não lhe faz mal a água?

AMÂNCIO. — Não, porque eu vou para a tina, de casaco de borracha, galochas e chapéu de chuva.

CASTANHEIRA, *acordando, de mau humor*. — Então hoje não se almoça nesta casa?

LUZ. — Vai já, sr. Castanheira. A senhora ainda não veio...

CASTANHEIRA — A senhora? Qual senhora? A D. Magnífica? E que tem isso? Nem eu sou antropófago, nem a senhora é coisa que se coma. Que tal está, heim?

LUZ. — E, depois, o sr. Aarão...

CASTANHEIRA. — Já cá tardava o sr. Aarão.

HIPÓLITO. — Ó Castanheira, então!?

CASTANHEIRA. — Também dispenso o sr. Aarão. Venham os carapaus do costume, o arroz do costume, o bife do costume, os ovos do costume, e quem quizer que se entretenha com o resto. Ora o diabo!

HIPÓLITO, *abrindo o piano e come-*

quando a tocar qualquer coisa, só com um dedo. — O Castanheira acordou mal humorado...

CASTANHEIRA. — Para acordar, era preciso que eu estivesse a dormir... e eu não durmo nunca, sr. Hipólito! Vocês bem sabem que eu passo as noites à vela!

LUZ. — Lá isso é verdade. É uma vela por noite...

AMÂNCIO. — Pronto. Já acabei a correspondência. (*a Luz*) Então não serve o almoço?

HIPÓLITO. — Não serve, está claro. Cá em casa, o almoço nunca serve para nada.

CASTANHEIRA. — Venha o almoço, irra!

LUZ. — Mas a senhora . . .

CASTANHEIRA. — Mande despir a senhora e ponha os carapaus na mesa!

CENA II

Os mesmos e D. MAGNIFICA

MAGNIFICA, *vindo da rua pelo F. C. tôda de prêto, muito grotesca, gestos sacudidos, modos bruscos.* — Sr. Castanheira: o senhor bem sabe que eu nunca me dispo às ordens das criadas!

HIPÓLITO. — Tem carradas de razão, D. Magnifica. Aquilo foi uma maneira de dizer do nosso Castanheira. E vamos às sopas, que eu tenho de estar na "Brasileira" antes das duas.

MAGNIFICA, *a Luz.* — Sirva o almôço. (*Luz sai para a cozinha.*)

AMÂNCIO. — E o Aarão?

MAGNIFICA. — Ésse, como de costume, é o último a chegar. Estou mais farta disto! (*vai tirando o chapéu*) Fartíssima! (*espeta com fôrça o prego no chapéu*).

CASTANHEIRA. — Olhe que fura os olhos do pássaro, D. Magnifica!

MAGNIFICA. — Deixe furar. O pássaro é meu... O Hipólito fecha-me ali aquela janela, sim? (*Hipólito obedece*) Molhei os pés todos...

HIPÓLITO. — Todos... e não são muitos! (*Já estão à mesa e Luz vai servindo o almoço*)

MAGNIFICA. — Se isso é para me chamar centopeia, agradecida.

HIPÓLITO. — Perdão. Se eu lhe quisesse chamar insecto, tinha a inquieta

borboleta, tinha a laboriosa abelha, tinha a canceirosa formiguinha, tinha...

CASTANHEIRA. — E tinha outros insectos, como as pulgas, traças e baratas, que não são para aqui chamadas.

AMÂNCIO. — Castanheira! Olhe que numa senhora não se bate nem com uma barata!

MAGNIFICA. — Deixe-o lá. Talvez os senhores não déssem por isso; mas a verdade, é que, desde que o meu divórcio é um facto, ali o sr. Castanheira resolveu fazer-me a côrte. (*gargalhadas*).

CASTANHEIRA, *engasgando-se*. — Heim! O quê? A côrte? Fazer-lhe a côrte, eu, depois de me dar um bife tão duro que até parece sola?

HIPÓLITO. — Segundo ouvi dizer, um

dos seus antepassados deitou sola de mólho.

CASTANHEIRA. — Isso é piada para me chamar sapateiro? Veja lá se lhe cai algum dente com a gracinha...

MAGNIFICA. — Não ferva em pouca água. E' a história da Nau Catrineta. Vem na Bíblia.

AMÂNCIO. — Esta agora é de primeira ordem! Um ovo com duas gemas!

MAGNIFICA. — E' verdade são duas gemas gémeas. Mistérios da procriação. (*com um suspiro*) Só os pode avaliar quem já foi mãe...

CASTANHEIRA. — A propósito de mãe: Já sabe alguma coisa da sua pequena?

MAGNIFICA. — Nada; o pai levou-ma... Deve estar uma senhora...

AMÂNCIO. — E nunca mais?

MAGNIFICA. — Nem novas nem mandatos. Uma tragédia!

HIPÓLITO. — Por enquanto, tudo escuro. Eu, porém, continuo a pesquisar.

MAGNIFICA. — O Aarão foi sempre um pateta... Não se mexia para nada...

AMÂNCIO. — E sempre é certo?

MAGNIFICA. — O divórcio? Claro que é. Expira hoje o ano que a lei nos dá para reflectir. Amanhã estou livre.

AMÂNCIO. — E ainda muitíssimo alodial! (*outro tom*) Quere manteiga, D. Magnífica?

HIPÓLITO. — Isso. Agora chega-lhe manteiga, a ver se pega...

CASTANHEIRA. — E depois, digam que sou eu...

CENA III

Os mesmos e AARÃO SAAVEDRA

AARÃO, (*pelo F. E.*) Safa! Venho num lago! Líquido por fora, líquido por dentro... Sou um homem liquidado! Muito boas tardes! As minhas pantufas, ó Luz! E, ó meninos, já repararam? A chover desta maneira, e o tempo quente, a atmosfera cálida e a água ardente!? O' Luz, então as pantufas?

MAGNIFICA. — A Luz tem mais que fazer. Não pode ir agora à cata das suas pantufas.

AARÃO. — Ó filha, é que...

MAGNIFICA. — Basta! Vá o senhor buscá-las, se quiser!

AMÂNCIO. — E nunca mais?

MAGNIFICA. — Nem novas nem mandatos. Uma tragédia!

HIPÓLITO. — Por enquanto, tudo escuro. Eu, porém, continuo a pesquisar.

MAGNIFICA. — O Aarão foi sempre um pateta... Não se mexia para nada...

AMÂNCIO. — E sempre é certo?

MAGNIFICA. — O divórcio? Claro que é. Expira hoje o ano que a lei nos dá para reflectir. Amanhã estou livre.

AMÂNCIO. — E ainda muitíssimo alodial! (*outro tom*) Quere manteiga, D. Magnífica?

HIPÓLITO. — Isso. Agora chega-lhe manteiga, a ver se pega...

uma bota). Bonito! Lá se me despegou o tacão!

CASTANHEIRA. — Eu cá prefiro a "*Brasileira*". (*a Aarão*). Lá o esperamos, ó Saavedra.

AARÃO. — E' o esperas!... Um café onde nunca se encontra ninguém! Se entro pelo Rossio, à procura dum fulano, o fulano sai pela rua 1.º de Dezembro; se entro pela rua 1.º de Dezembro, o fulano sai-se pelo Rossio. Nada! "*Brasileira*", só a do Chiado. Ao menos, ali, uma pessoa entra por onde sai e sai por onde entra.

HIPÓLITO. — Então, até logo.

AMÂNCIO, *a Hipólito*. — Você faz-me um favor? Deita-me esta carta num marco?

HIPÓLITO. — Pois não, major.

CASTANHEIRA. — Estamos com sorte. A chuva parou. Até logo. (*Sai com Hipólito*).

AARÃO, *sem conseguir descalçar a segunda bota*. — Desculpem não lhes estender a mão porque estou às voltas com os pés...

AMÂNCIO. — E' o que se chama meter os pés pelas mãos... (*entra no quarto n.º 2*).

CENA IV

AARÃO E MAGNIFICA

AARÃO, *chamando a criada*. — Luz!
Ó Luz!

MAGNIFICA. — Irra! que berreiro! Fale mais baixo! Que Luz tão forte!

AARÃO. — Eu sou assim. Não gosto

de luzes apagadas. . . Mas descanse que para a outra vez, quando chamar a criada, ponho "abat-jour"! Ó Luz!

MAGNIFICA. — Mas, afinal, o que é que o senhor quiere da Luz?

AARÃO. — Ora, o que hei-de querer? Quero esta bota tirada e o almôço na mesa.

MAGNIFICA. — A bota, tire-a o senhor. E, quanto ao almôço, já não há almoços.

AARÃO. — Mas êles não são até às duas?

MAGNIFICA. — São.

AARÃO. — Então. . .

MAGNIFICA. — São. . . para os outros.

AARÃO. — Então...

MAGNIFICA. — O senhor não é «outro». O senhor é o senhor.

AARÃO. — E olha que já não sou pouco, sendo «isto tudo». E' claro que eu sou eu. Mas, além de ser eu, sou hóspede.

MAGNIFICA. — O senhor não é hóspede, porque não paga.

AARÃO. — Não pago, porque sou teu marido! Isto é um círculo vicioso.

MAGNIFICA. — Vicioso é você! Mas quem tem vícios, paga-os. E o senhor bem sabe que o nosso divórcio está a correr...

AARÃO. — Pois deixa-o correr! Emquanto êle corre não me corras tu a mim! Eu não me ralo e como.